

# EDUCAÇÃO FORMAL: DESAFIOS E OPORTUNIDADES NAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS NO PÓS-PANDEMIA

## FORMAL EDUCATION: CHALLENGES AND OPPORTUNITIES IN BRAZILIAN UNIVERSITIES IN THE POST-PANDEMIC

Rodolfo Silva Marques <sup>1</sup>

**Resumo:** A educação sempre é alvo de reflexões, nos níveis formal e informal. A pandemia da Covid-19, decretada em março de 2020, fez emergir uma crise sistêmica sem precedentes no planeta e gerou um cenário de muitas incertezas. Crises, em si, trazem oportunidades e desafios para os atores envolvidos em quaisquer processos. No contexto do ambiente formal das universidades, os impactos do cenário antes e pós-pandemia e da expansão da Covid-19 foram observados de forma ampla, consolidando a perspectiva da reinvenção. Nesta pesquisa, são usados os métodos da revisão de literatura e da observação participante para uma discussão crítica sobre o cenário, na busca da apresentação de caminhos de adaptação das universidades brasileiras para o porvir, a partir de 2023. Como conclusões, identificam-se as universidades brasileiras como espaços de vanguarda, no contexto da educação formal e a visão mais abrangente do professor como alguém que protagoniza o processo de ensino-aprendizagem.

**Palavras-chave:** Educação. Pandemia. Oportunidades. Desafios. Universidades.

**Abstract:** Education is always the subject of reflections, formally and informally. The Covid-19 pandemic, enacted in March 2020, gave rise to an unprecedented systemic crisis on the planet and generated a scenario of many uncertainties. Crisis, in themselves, bring opportunities and challenges to the actors involved in any process. In the context of the formal environment of universities, the impacts of the pre- and post-pandemic scenario and the expansion of Covid-19 were widely observed, consolidating the perspective of reinvention. In this research, the methods of literature review and participant observation are used for a critical discussion of the scenario, seeking to present ways of adapting Brazilian universities for the future, from 2023 onwards. Brazilian universities as vanguard spaces, in the context of formal education and the broader view of the teacher as someone who plays a leading role in the teaching-learning process.

**Keywords:** Education. Pandemic. Opportunities. Challenges. Universities.

---

**1** Doutor em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS. Mestre em Ciência Política (pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Graduado em Publicidade e Propaganda e Jornalismo (pela Universidade da Amazônia (UNAMA). Professor na Universidade da Amazônia (UNAMA) e na Faculdade de Estudos Avançados do Pará (FEAPA). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7865990074375419>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5855-0393>. E-mail: [rodolfo.smarques@gmail.com](mailto:rodolfo.smarques@gmail.com)

## Introdução

Com o fim das duas primeiras décadas do século XXI, é essencial ressaltar que o mundo é um terreno constante de modificações, de novidades, de resgates de experiências antigas – em um cenário de grandes mesclas e buscas de conformidades. O ambiente de mudança, historicamente, foi “acelerado” por conflitos mundiais ou regionais, pestes globais, desastres ambientais ou por outros caminhos antrópicos. Os atores que formam as diferentes sociedades humanas buscam adaptações aos tempos novos e diferentes que se impõem, de forma assertiva e adaptando-se às demandas que se apresentam.

As Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) se multiplicam e entram no contexto das interações humanas e da aprendizagem. Os indivíduos formam instituições e elas se inserem no ambiente de modificações, de adequações e de novos procedimentos e mecanismos para atender os seus diferentes públicos. As universidades, que se originaram na Idade Medieval, são organizações que, como todas as outras, vem sendo alteradas por esses processos dinâmicos, e assumem um papel de grande importância nas sociedades contemporâneas, em virtude de serem espaços de produção de conhecimento e da durabilidade do saber científico.

A produção da ciência, como produto dos processos do conhecimento humano, evidenciou as universidades como o espaço mais propício seu desenvolvimento, prioritariamente no sentido de explicar o mundo e as interações dos indivíduos, e suas relações nos contextos naturais, humanos e biológicos. Assim, o ambiente universitário também se tornou um espaço importante para a manifestação das diferenças e da diversidade de pensamentos e ações.

Por seus vínculos históricos com as grandes transformações e transições na trajetória da humanidade, os ambientes universitários também são terrenos férteis para as reinvenções, em suas múltiplas variáveis. No Brasil, onde as universidades ainda são relativamente “jovens”, há um reforço essencial ao aspecto trino – ensino, pesquisa e extensão –, com os seus respectivos eixos de atuação.

É prevista na Carta Magna nacional a autonomia das universidades, nos contextos didático, científico, administrativo, financeiro e patrimonial, com o reforço às diferentes áreas do saber (BRASIL, 1988).

Nesse terreno histórico, entre grandes impactos sofridos pela sociedade e nos meios universitários, indiscutivelmente os anos de 2020 e 2021 serão lembrados como os de momentos em que o planeta identificou a explosão da pandemia da Covid-19 e a ascensão de termos e perspectivas como “novo normal”, “novos tempos”, “mitigações”, “imunizantes”, “protocolos”, “distanciamento físico”, “isolamento”, entre outros.

Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) informou que o planeta estava vivendo uma pandemia – a do novo coronavírus, ou a Sars-Cov-2. O alerta global foi feito pelo diretor-geral da Organização, Tedros Adhanom (PORTAL ABRIL, 2020). Cerca de duas semanas depois, em 23 de março de 2020, em carta para líderes políticos, a OMS decretou a Covid-19 como uma pandemia apocalíptica<sup>1</sup>, absolutamente sem precedentes.

Retomando a questão educacional, o processo de ensino-aprendizagem é sempre algo desafiador para professores e alunos, e traz, ao mesmo tempo, dimensões sociais e históricas. A educação gera um conjunto de possibilidades de gerar reinvenções da vida e dos processos sociais. Existe uma convicção geral no meio científico de que a pandemia da Covid-19 não será a última grande chaga a ser enfrentada pela humanidade – mas se situa como única no contexto das dimensões globais de prevenção e enfrentamento trazidos por ela e pelos seus efeitos. A pandemia trouxe, dessa forma, alterações grandes em proporções planetárias, trazendo à tona reflexões sobre o comportamento humano e suas dimensões relacionais em campos multidisciplinares.

Mesmo com todos os percalços e enfrentamentos distintos por parte das instituições de superior, públicas e privadas, a ciência e as universidades historicamente estão ligadas às buscas de respostas para os problemas sociais e para os avanços nas descobertas e nas invenções para, criativamente, identificar soluções e caminhos para uma nova interpretação do mundo.

<sup>1</sup> PORTAL UOL, 2020. EM CARTA A BOLSONARO E G-20, ONU FAL EM RISCO DE PANDEMIA APOCALÍPTICA. Disponível em <https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2020/03/24/em-carta-a-bolsonaro-e-g-20-onu-fala-em-risco-de-pandemia-apocaliptica.htm>. Acesso em 10 jan. 2023.

Uma das variáveis que surgem nos meios acadêmicos nesses novos tempos, em especial no contexto de pandemia, é a da resiliência, no contexto de manter determinadas convicções e, ao mesmo tempo, na propensão para a compreensão das mudanças para a geração dessas respostas.

As comunidades acadêmicas compõem, em nível internacional, processos de muitos séculos; aqui no Brasil, elas ainda guardam um certo grau de originalidade e de novidade, a despeito de haver instituições com mais de oito décadas de funcionamento no país. A certeza, diante de tantas dúvidas, é que as universidades buscarão e encontrarão, de forma assertiva, as respostas para se encaixar nas novas realidades e nos contextos cada vez mais desafiadores.

As universidades tendem a compreender o que está para fora de suas paredes físicas e, por serem partes integrantes das próprias sociedades, deverão demonstrar a capacidade de mudança e de adaptação para o atendimento dos anseios da população.

Assim, as universidades ocupam protagonismo no contexto das transformações. Por exemplo, no cenário de enfrentamento à pandemia, pesquisas acadêmicas indicam os caminhos do distanciamento social, o do uso de máscaras, da higienização permanente, do uso do álcool gel e, em uma etapa seguinte, no desenvolvimento e aplicação de vacinas para prevenir a contaminação pela Covid-19.

Nesse contexto, partindo-se da perspectiva de que cultura é tudo aquilo que os seres humanos acrescentam à natureza, enquanto conhecimentos, hábitos e ações efetivas (LÖWY, 2008), as universidades se colocam como espaços para essa produção de novas perspectivas, com autonomia e como o conjunto de ferramentas para trazer evolução à História.

As universidades dispõem dos aparatos para fazer emergirem a ciência e a cultura como agentes transformadoras do planeta, em procedimentos, convicções e conquistas, no geral. A necessidade de reinvenção, com o uso do aparato tecnológico e no contexto do medo diante de todos os problemas causados pela pandemia, gerou nas gestões universitárias, nos professores e nos alunos uma nova maneira de se entender o contexto do ensino-aprendizagem.

Assim, para discussão, apresentam-se as seguintes seções: após essa breve abordagem introdutória, apresenta-se o desenho de pesquisa do artigo, faz-se uma operacionalização conceitual, discutem-se tendências e desafios em relação às universidades e os novos tempos, até a convergência para as considerações conclusivas.

## **Desenho de pesquisa**

No tipo de abordagem escolhida para o desenvolvimento do presente trabalho, optam-se por dois caminhos metodológicos que ajudam a atingir os objetivos da pesquisa, que foi concluída no final de 2022.

Usam-se, neste contexto, os métodos da revisão de literatura (PÁDUA, 2004) e da observação participante (BONIN, 2006) para uma discussão crítica sobre o cenário de pandemia e na busca de apresentar alguns caminhos de adaptação das universidades brasileiras para os novos tempos, com ponto de partida no ano de 2020.

Escolhe-se a revisão de literatura para o desenvolvimento de uma fundamentação teórica para o esclarecimento dos temas e das questões de pesquisa (SIQUEIRA, 2007). Com a operacionalização conceitual, há uma estruturação teórica para o desenvolvimento da pesquisa – e é exatamente o que se busca na seção seguinte. É uma forma de dar um suporte maior para as discussões previstas neste artigo.

A respeito da observação participante, opta-se por esse caminho metodológico porque ele permite um relacionamento mais de longo prazo do pesquisador com determinados públicos (MAY, 2001; RODRIGUES, 2007). No caso específico, o autor desse trabalho tem uma experiência de aproximadamente 20 anos como pesquisador e docente no ambiente universitário, lidando com discentes e com o ambiente universitário – e buscando captar impressões, insights e novas leituras sobre o meio acadêmico.

Como problema de pesquisa, reforça-se a ideia de se aprofundar o esclarecimento da seguinte questão: como as universidades brasileiras podem superar a crise pandêmicas e se adaptar aos novos cenários tecnológicos e sociais?

Há, dessa forma, uma abordagem que contempla perspectivas descritivas e analíticas,

para tentar compreender os fenômenos sociais que se apresentaram no cenário pandêmico e as indicações para os momentos seguintes.

Para reforçar a discussão, ilustrando os debates aqui presentes, com um viés metalinguístico, usa-se o recurso das nuvens de palavras para mostrar os principais conceitos, as tendências identificadas e os desafios para as universidades nos chamados novos tempos.

## Operacionalização conceitual

Com a complexidade dos enfrentamentos cotidianos, as universidades buscam – e necessitam – de tal movimento – adaptar-se às demandas crescentes que se apresentam dos *stakeholders* – professores, estudantes, gestores, famílias, governo – e, ao mesmo tempo, compor soluções com os públicos heterogêneos e com recursos distintos.

Dessa forma, sobre essa capacidade da ciência, no ambiente universitário, em procurar alternativas e caminhos diante das crises, causadas por diferentes razões, apresentam-se nesta seção três caminhos de análise: conceitos sobre o ambiente universitário no Brasil e na educação superior formal, algumas tendências do ensino universitário nacional e desafios que se interpõem durante a crise pandêmica e nos tempos que se avizinham, a partir de 2023.

## Alguns conceitos

Uma das categoriais conceituais necessárias para entender o cenário das universidades nos tempos atuais e nos desafios que se apresentam é a da tecnologia. As tecnologias são, em essência, tudo aquilo que os seres humanos criam e/ou desenvolvem para gerar facilidades em suas vidas, para aplicações cotidianas e nos seus planejamentos estratégicos.

De acordo com Vieira Pinto (2005), há quatro sentidos essenciais de tecnologia: a) o que se refere ao sentido etimológico – como o “tratado da técnica”, envolvendo teorias e discussões para se buscar soluções e se produzir algo; b) a técnica em si, ou o *know-how*; c) no conjunto de técnicas que estão acessíveis a uma sociedade e/ou a um agrupamento de pessoas e; d) o que se refere à “ideologia da técnica” (VIEIRA PINTO, 2005).

As Tecnologias da Informação e Comunicação produzem, nesse contexto, facilidades para as interações dos seres humanos, com a eliminação progressiva de distâncias e com a potencialização do ensino-aprendizagem e dos processos educacionais. As tecnologias geram uma amplitude de caminhos à vida da humanidade e a cidadania, consolidando dois acessos fundamentais – o da comunicação/informação e o da educação.

No ambiente das tecnologias da comunicação e da informação, portanto, as atividades que mais ganham destaque são as produções de *softwares*, redes sociais, metodologias de comunicação, ferramentas de inteligência artificial, biotecnologia e robótica (HARARI, 2018; GABRIEL, 2010).

As tecnologias, através das plataformas digitais, também se convertem em um importante aspecto diferencial nas universidades, no sentido de atrair a participação dos alunos – entre as instituições privadas – e, também, em ampliar a capacidade de produção de conhecimento, em especial nas públicas.

Dentro desse processo em que se analisam as correlações entre tecnologia e educação, destaca-se a ideia da revolução 4.0, que é acelerada a partir da conexão crescente dos recursos tecnológicos com o dia a dia dos indivíduos, além da presença dos robôs, dos algoritmos e de diferentes formas de checagem nos processos produtivos.

Os recursos tecnológicos, no contexto do ambiente universitário, compõem a realidade digital, “invadindo” os cenários educacionais e se congregando com os meios de comunicação; gera-se uma proximidade maior com professores, alunos, nos recursos virtuais e na ampliação das diversas plataformas digitais, na forma de mídias e das redes sociais (HARARI, 2018; GABRIEL, 2010).

É sempre importante consolidar, portanto, a universidade, no contexto atual e nos novos tempos, como um centro produtor de tecnologias para a produção de diferentes produtos, serviços e conhecimentos.

A *internet* tem, pois, protagonismo nesse processo, ao reforçar a ideia do preparo permanente dos docentes das universidades para a utilização dos recursos disponíveis, não apenas no cenário

da velocidade de circulação das informações e/ou nos conteúdos produzidos e transmitidos *online*, mas também pelo reforço aos novos modelos de interação (LÉVY, 1999 e 2000). Segundo Lévy (1999 e 2000), a *internet* se coloca como espaço de interconexões em que nada é descartado, registrando a humanidade em amplitude, com todas as culturas, disciplinas e formas de comunicação.

A segunda base conceitual está na produção de conhecimento nas instituições universitárias. Tal produção deve ser entendida como a culminância de uma sequência de processos de construção de conhecimentos através da pesquisa, indo além das “paredes universitárias” e entregando conteúdos e soluções para a sociedade (KUNNSCH, 2015).

Reitera-se a ideia, pois, dos três vértices do ambiente das universidades: a pesquisa, o ensino e a extensão. A pesquisa, com as ações voltadas para o fomento das atividades dentro do ambiente universitário, como os Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's), os projetos de Iniciação Científica, os Projetos Experimentais e as Monografias. O ensino superior reside nas atividades voltadas à aprendizagem discente, com as aulas (tradicionais ou em diferentes plataformas), atividades em laboratórios, monitorias e exercícios práticos. E a extensão universitária que se caracteriza pelas atividades dos alunos e professores junto às comunidades, próximas ou distantes dos prédios da instituição, podendo gerar atividades de intervenção, projetos sociais, ações de mídia, entre outras.

O terceiro tópico em debate nesta seção é o processo de ensino-aprendizagem nas universidades nos novos tempos. Como uma instituição com muitas décadas e/ou séculos, as universidades se assentam em modos, muitas vezes, ainda tradicionais no processo de ensino-aprendizagem. De acordo com Lévy (1993), as escolas e universidades, tradicionalmente, acostumaram-se ao falar dos professores, juntamente com os conteúdos impressos, de uma forma mais direcionada.

Na transição nos ambientes educacionais, os recursos tecnológicos corroboram para novos caminhos no ensino-aprendizagem, abandonando o hábito antropológico de transmissão de conhecimento (LÉVY, 1993). O aluno passa a ganhar um grau maior de autonomia, participando da aquisição de um conhecimento, integrando e retendo tais informações. Para Lévy (1993), o saber oral e os gêneros de conhecimento estabelecidos no conhecimento, com a escrita e com as trocas, somam-se aos recursos trazidos pela informática.

Quando se discute o entendimento da educação 4.0, a compreensão do fenômeno da internet e o modo como os recursos tecnológicos são usados trazem uma condição fundamental para o melhor aproveitamento da capacidade de geração de conteúdos por docentes e discentes nas universidades.

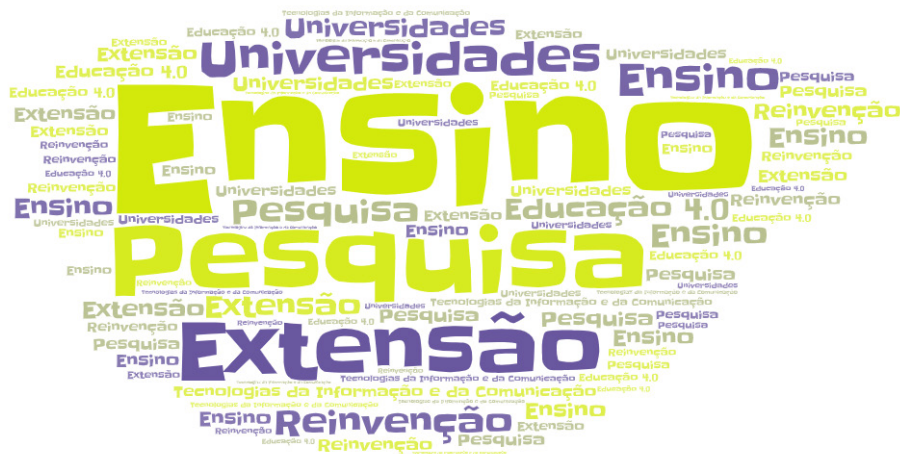
O quarto ponto conceitual do presente artigo é a reinvenção das universidades diante das diferentes crises. Já houve crises de todas as ordens, mas talvez nenhuma com a magnitude sistêmica como a dos anos de 2020 e de 2021 e em parte de 2022 – a pandemia de Covid-19 teve um arrefecimento a partir do segundo semestre de 2022. O Brasil está, literalmente, ainda, imerso nessas dificuldades, com limitações de empregos, com dificuldades para a geração de renda, e o paralelo esforço de se adaptar às necessidades dos públicos na educação superior formal.

A crise da Covid-19 causou uma série de transtornos aos meios acadêmicos, interrompendo as rotinas das atividades universitárias, mas, ao mesmo tempo trouxeram à tona a necessidade de adaptações e de reinventar todo o atendimento da comunidade envolvida. Planejamento e execução ocorreram, praticamente, ao mesmo tempo, e o eixo das salas de aula se transferiu para as atividades remotas, na estrutura do *home office* e nas estratégias de educação a distância e das aulas online e/ou híbridas (ZUIN, 2006).

Milhões de estudantes universitários no Brasil passaram a conviver com essa rotina adaptada das atividades das instituições, que tiveram que remodelar suas estratégias de atendimento e de oferecimento de ensino, pesquisa e extensão superiores de qualidade. Reinventar-se foi essencial no sentido de gerar ações criativas para buscar soluções acadêmicas com o mínimo prejuízo possível para os alunos.

Assim, dentro dos novos tempos, as tecnologias deverão continuar prevalecendo como instrumentos fundamentais e, a partir das categorias conceituais já apresentadas, buscam-se definir algumas tendências e vários desafios que emergiram e emergem para as universidades em tempos de pandemia – e no pós-pandemia, também.

Figura 1. Nuvem de palavras com as categorias conceituais.



Fonte: Autoria própria.

### Algumas tendências

Diante da crise sistêmica gerada pela pandemia da Covid-19, as instituições de educação superior tiveram que buscar alternativas para seguir com as suas atividades e manter a oferta de aulas e de conteúdos para os seus alunos. Algumas tendências que se verificaram durante os anos de 2020, 2021 e 2022 e podem até se manter pelos anos seguintes, conforme as escolhas de cada instituição – ou serem abandonadas em caso de algum insucesso (PORTAL DESAFIOS DA EDUCAÇÃO, 2020).

Trata-se, aqui, de algumas dessas perspectivas e soluções que foram tomadas por algumas instituições – analisando-se também os impactos e influências junto a gestores, docentes e estudantes.

A primeira delas é a questão da urgência para resolver a questão das aulas diante do distanciamento físico. Algumas universidades optaram em montar um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), buscando capacitar professores para se adaptar ao novo cenário e os alunos para entender as ferramentas. Em alguns casos, a transição teve bons efeitos, enquanto em outros houve a sensação de ruptura. Em determinadas situações, os alunos tiveram dificuldades para ter dispositivos para receber os ambientes digitais nas diferentes plataformas – Microsoft Teams, Zoom, Google Classroom, Cisco Webex e Google Meet, entre outros. Por vezes, as limitações estiveram nos dispositivos – notebooks e/ou smartphones –, nas questões financeiras ou na própria capacidade/velocidade do tráfego de dados via internet.

As aulas ao vivo, também identificadas como síncronas, contaram com a interlocução dos professores com os alunos, de forma positiva – e puderem ser gravadas, pelas instituições, para que os alunos pudessem rever os conteúdos e/ou para oportunizar àqueles que não puderam assistir as aulas nos horários originais. Aí, há a modalidade das aulas assíncronas, que também podem permanecer mesmo em um contexto após o fim da pandemia de Covid-19 – algo ainda imprevisível. Algumas universidades investiram na multiplicidade de plataformas já preexistentes, ou optaram em desenvolver seus próprios modelos e recursos para atender às demandas que se ampliaram com a pandemia.

A segunda tendência observada foi o fortalecimento das comunidades acadêmicas, com engajamentos de várias ordens. O período mais crítico da pandemia, nos anos de 2020 e 2021, trouxe dúvidas e complicações, praticamente, para toda a população do país. O medo constante de contaminações e de mortes e o isolamento domiciliar alteraram as rotinas dos lares e trouxeram um desafio para a comunidade acadêmica: o engajamento dos setores envolvidos no processo educacional. Por óbvio, como parte dessa observação participante, identificaram-se alunos e instituições que evoluíram nesse processo de engajamento com mais tranquilidade e outros que não conseguiram se integrar aos novos contextos. Nesse contexto, o desafio maior foi entender essa realidade como algo sem previsão de data para “voltar ao normal”, visto que o distanciamento

social foi adotado como uma forma essencial para combater a expansão do coronavírus. Superar essas e outras dificuldades tecnológicas e as limitações individuais dos docentes estão nas rotinas do atual contexto das universidades, públicas e privadas.

Outra tendência verificada foram as dificuldades financeiras de parcelas discentes.

A pandemia, em sua completude, trouxe um cenário de instabilidade financeira, dificuldades para o pagamento de compromissos – como mensalidades em universidades particulares – e aquisição e/ou manutenção de aparelhos para permitir a captação de aulas por partes dos alunos. Nesse cenário, ganhou destaque a necessidade – que tende a permanecer no pós-pandemia, com o retorno das atividades presenciais – de se compreender as necessidades dos outros. É a questão da empatia entre todos os membros da comunidade acadêmica. Os cenários pós-quarentena e pós-pandemia desnudam o mesmo nível de dificuldade socioeconômica – ou até um cenário pior, no caso brasileiro, pelo contexto da gestão da crise.

Estabeleceu-se, dessa maneira, uma realidade, em que todos tiveram que ceder e abrir mãos de algumas coisas, inclusive de liberdades individuais e de certas flexibilidades. Mas, como as universidades são as grandes geradoras desses processos, sem dúvida coube a elas um processo de maior proatividade e empatia para com os estudantes das instituições de educação superior.

A quarta tendência vista foi a presença cada vez maior da tecnologia no cotidiano das universidades. Os recursos trazidos para viabilizar as aulas via computadores e smartphones encaminharam as chamadas soluções digitais. O desafio e a tendência simultâneos foram trazer tais recursos juntamente com a acessibilidade à maior parte da comunidade acadêmica. O desenvolvimento tecnológico no contexto dos ambientes da educação superior tornou tão tendência quanto necessidade no século XXI, amplificou-se no triênio 2020-2022 e se fortalece como algo mais evidente nos anos que se seguirão dentro dos novos tempos das sociedades contemporâneas. O desafio é entender quais recursos, mídias e redes se adaptam a cada caso, a cada grupo de estudantes e às características das próprias instituições de educação superior. Portanto, a utilização mais intensa das TIC's tende a gerar essa transformação efetiva das universidades, causando processos irreversíveis – e que têm tudo para ter mais elementos positivos.

Dessa maneira, considerando-se as tendências principais da educação superior no contexto da pandemia, em especial nas universidades públicas e privadas, caberá aos gestores, professores e discentes buscarem as melhores equações para os desafios que já se apresentam e que se consolidarão, pelo menos, na próxima década.

**Figura 2.** Nuvem de palavras com as tendências das universidades nos novos tempos.



**Fonte:** Autoria própria

## Alguns desafios

Desafios se impõem sempre que há a necessidade de mudança e/ou quando há variáveis incontroláveis, geradas por fatores externos – como são os casos das atualizações tecnológicas e as crises sistêmicas. Elencam-se, nesta subseção, cinco desafios latentes inseridos nesse contexto.

O primeiro desafio é a premissa da educação a distância com tecnologias integradas. A

Educação a Distância (EAD) já tem mais de duas décadas de desenvolvimento entre as instituições educacionais brasileiras, passando a ser aplicadas mais intensamente no início do século XXI. A Educação a Distância, através dos recursos disponíveis, forja-se em uma modalidade em que alunos e professores ficam separados no tempo e no espaço, com os conteúdos viabilizados através dos recursos tecnológicos (ABED, 2015). O formato EAD prioriza o uso de plataformas (*internet, smartphones, televisores etc.*), em que se surgem oportunidades para o uso de ferramentas digitais e garantem um atendimento amplo ao aluno, mesmo sem o contato físico e/ou presencial. A estratégia EAD (ABED, 2015) é um caminho para que as instituições que conseguiram se adaptar durante a pandemia possam desenvolver nos novos tempos, atendendo diferentes tipos de demandas/alunos. Ao mesmo tempo, é necessário pensar, enquanto desafio, os cursos de determinadas áreas – como nas graduações em Direito e nas áreas Biológicas e da Saúde – em que determinadas especificidades limitam as aulas a distância.

Áreas como Pesquisa e Desenvolvimento podem se ampliar dentro desses contextos, considerando-se o uso dos recursos técnicos e de um possível grau maior de autonomia por parte dos estudantes, considerando-se um certo grau de personalização e/ou customização do ensino-aprendizagem (SARTORI ; ROESLER, 2005).

Um segundo polo é a percepção da educação superior nas universidades públicas. Nelas, houve e há um desafio maior gerado pelo cenário da pandemia, que é a combinação do desenvolvimento dos professores com os investimentos do Estado em recursos tecnológicos, em especial nas plataformas digitais. A velocidade maior ou menor das mudanças diante dos novos tempos reside em como essa equação se ajusta e se ajustará. Entre 2020 e 2022, sob a égide de Jair Bolsonaro, do Partido Liberal, como presidente, e com a instabilidade no ministério da Educação, o cenário se tornou complicado. A partir de 2023, as perspectivas são mais alvissareiras, considerando-se a gestão pública da educação superior. A integração maior de reitoria, centros de ensino, departamentos e colegiados precisa ser um diferencial competitivo para superar as possíveis lacunas dentro do processo de adaptação às novas variáveis de mercado e às demandas dos grupos de alunos (QUARTIERO; GOMES; CERNY, 2005).

Um terceiro aspecto é o cenário dos ensinamentos remoto e híbrido, com o uso das metodologias ativas. O ensino remoto dentro das universidades, fortemente usado pelas instituições particulares durante a pandemia da Covid-19 – e que deve prosseguir por um bom tempo – remonta a algo que já foi dito neste texto: as aulas síncronas são interações de professores e alunos nos mesmos horários das aulas presenciais, tentando manter o máximo de características similares aos modelos tradicionais. As universidades podem, eventualmente, através das suas plataformas escolhidas, gerar links específicos para reuniões para tratar de atividades adicionais, cumprindo o planejamento de conteúdo e as cargas horárias previstas (BACICH; TANZI NETO; TREVISANI, 2015).

O ensino híbrido, ou *blended learning*, enquanto tendência e como desafio, traz essa mistura entre as aulas presenciais e os conteúdos online. Nesse novo cenário, é importante pensar que o papel desempenhado pelo professor e pelos alunos sofrem modificações, com novas, da colaboração e do envolvimento com as tecnologias digitais (BACICH, TANZI NETO e TREVISANI, 2015). As metodologias ativas, já integrantes do processo da educação superior nas universidades, tornam-se necessidades para aumentar o grau de autonomia e de participação dos alunos no processo de construção de conhecimento. Os professores constroem e facilitam o acesso às ferramentas e os alunos garantem uma participação maior no processo de aprendizado, com mais participação e independência (BACICH; TANZI NETO; TREVISANI, 2015).

Um quarto ponto é o financiamento para pesquisas acadêmicas: também se coloca como um enfrentamento essencial dentro das universidades a garantia de verbas para as pesquisas, considerando-se as limitações de recursos e a reavaliação de prioridades. Reinventar os caminhos para a recolocação dos caminhos de pesquisa, indo além de revistas especializadas e procurando estimular pesquisadores e alunos a produzirem algo mais amplo e universal. As dificuldades gerais impostas pela pandemia e a criatividade para o uso de recursos podem trazer, ao mesmo tempo, novos objetos de pesquisas, nas diferentes áreas, e a exploração, cada vez maior, de atividades interdisciplinares e multidisciplinares. Áreas com a saúde devem ganhar uma importância maior no âmbito da pesquisa, em especial pelos efeitos gerais da pandemia.

Por fim, o quinto desafio identificado se refere aos novos protagonismos de professores e



alunos. Docentes e discentes desenvolvem novas formas de protagonismo na coletivização e na produção do conhecimento. Os professores passam a dirigir as reuniões remotas, participando também das atividades de gestão, em diferentes formatos e horários, e o aluno precisa ampliar o seu espaço dentro de casa e em sua agenda para participar das aulas e das atividades – remotas, híbridas e/ou a distância. Superar as possíveis resistências aos recursos digitais torna-se essencial dentro do processo, assim como a busca constante de resultados que sejam favoráveis a todos os integrantes da estrutura educacional.

Essa aprendizagem, em sem caráter mais sistêmico, além de possibilitar outras formas de relação e de protagonismo entre professores e alunos, em um contexto de “relição”, traz a certeza de que as tecnologias estão cada vez mais evidentes na atualidade e nas próximas décadas dentro dos ambientes universitários.

**Figura 3.** Nuvem de palavras com os desafios das universidades nos novos tempos.



Fonte: Autoria própria.

## Conclusões

Diante da presente discussão, é possível resgatar alguns pontos relevantes apresentados. As universidades brasileiras, mesmo com tantas dificuldades, consolidam-se como espaços de transformação e de vanguarda na construção de conhecimento, sendo os ambientes mais propícios para o vivenciar de novas experiências de aprendizado vinculadas ao uso mais constante da tecnologia.

A pandemia da Covid-19, entre os anos de 2020 e 2022, acelerou de forma instantânea e impactante as mudanças dentro das universidades, com a necessidade imediata da suspensão das aulas presenciais, com a busca de modelos e alternativas diferenciadas para garantir aos alunos uma qualidade igual ou similar dos encontros acadêmicos através das plataformas digitais e na readaptação aos processos “tradicionais”. Algumas instituições optaram por modelos como o ensino híbrido, o ensino remoto ou a educação a distância.

A “tríade” ensino, pesquisa e extensão também está em um processo dinâmico, e as universidades estão em busca de caminhos para perceber os novos tempos e criar as melhores soluções, considerando-se linguagem e nível de interesse geral do público, juntamente com o rigor científico.

As universidades, dentro do cenário do distanciamento social, buscaram soluções – algumas delas com relativo sucesso e outras nem tão bem recebidas assim pelos alunos. No campo das humanidades, a inovação e a reinvenção sempre contribuem como diferenças. Fazer uma conciliação entre diversos interesses e diversas limitações torna-se, conforme o discutido nesse artigo, um caminho essencial de construção desses novos ambientes – prioritariamente híbridos – dentro do contexto acadêmico.

Ao fim do distanciamento físico, com a superação da crise pandêmica a partir da eficácia da aplicação das vacinas, as universidades precisam dar novas respostas e manter alternativas para adequações e adaptações. E o sucesso nesse novo contexto passa, necessariamente, por

um protagonismo cada vez mais evidente dos professores, como construtores e facilitadores do conhecimento, e dos próprios alunos, que passam a usar os recursos disponíveis de forma mais autônoma e proativa.

Assim, considerando tendências, deve-se pensar nas universidades como espaços que devem priorizar a democratização dos acessos, com mais vagas para alunos e em diferentes formatos e plataformas, além da adoção de técnicas de ensino que permitam dar um caráter mais ampliado da formação humana. Destarte, mesmo sem a pretensão de encerrar a discussão a respeito do tema e dos cenários, o presente trabalho busca trazer reflexões e situações importantes para serem observadas e, se for o caso, executadas nos contextos específicos.

## Referências

ABED – Associação Brasileira de Educação a Distância. Censo EAD.BR. **Relatório Analítico da Aprendizagem a Distância no Brasil 2014**. Curitiba: Ibpex, 2015.

BACICH, Lilian; TANZI NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando de Mello. **Ensino Híbrido: Personalização e Tecnologia na Educação**. Porto Alegre: Penso, 2015.

BONIN, Jiani Adriana. Nos bastidores da pesquisa: a instância metodológica experienciada nos fazeres e nas processualidades de construção de um projeto. *In: Metodologias de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2006.

**BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília: 1988**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 10 nov. 2022.

GABRIEL, Martha. **Marketing na era digital**. São Paulo: Novatec, 2010.

HARARI, Yuval Noah. **21 lições para o século XXI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

KUNSCH, Margarida M. Krohling. **A produção científica em relações públicas e comunicação organizacional no Brasil: análise, tendências e perspectivas**. São Paulo: ALAIC - Boletim 11, 2015. Disponível em: [www.eca.usp.br/associa/alaic/boletim11/kunsch.htm](http://www.eca.usp.br/associa/alaic/boletim11/kunsch.htm). Acesso em: 10 nov. 2022.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 3.ed. São Paulo: Loyola, 2000.

LÖWY, Michael. **Ideologias e Ciências Sociais: elementos para uma análise marxista**. 16.ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MAY, Tim. **Pesquisa social: questões, métodos e processos**. Porto Alegre: Artemed, 2001.

MORAN, José Manuel. **O que é educação a distância**. 2002. Disponível em: [www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/dist.pdf](http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/dist.pdf). Acesso em: 10 nov. 2022.

PÁDUA, Elisabete M. M. de. **Metodologia da pesquisa: Abordagem teórico-prática**. 10. ed. Campinas: Papyrus, 2004.

QUARTIERO, Elisa M.; GOMES, Nilza Godoy; CERNY, Roseli Zen. **Introdução à Educação a Distância**. Florianópolis: UFSC/EAD/CED/CFM, 2005.

PORTAL DESAFIOS DA EDUCAÇÃO, 2020. **Gestores compartilham o que as faculdades brasileiras aprenderam com o coronavírus**. Publicação online. 2020. Disponível em: <https://desafiosdaeducacao.grupoa.com.br/licoes-covid-19-faculdades/>. Acesso em: 10 nov. 2022.

PORTAL SAÚDE. **Oms decreta pandemia do novo coronavírus**. Abril, 2020. Disponível em: <https://>

saude.abril.com.br/medicina/oms-decreta-pandemia-do-novo-coronavirus-saiba-o-que-isso-significa/. Acesso em: 10 jan. 2023.

PORTAL UOL, 2020. **Em carta a Bolsonaro e G-20, ONU fala em risco de pandemia apocalíptica.** Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2020/03/24/em-carta-a-bolsonaro-e-g-20-onu-fala-em-risco-de-pandemia-apocaliptica.htm>. Acesso em: 10 jan. 2023.

RODRIGUES, William Costa. **Metodologia Científica.** Paracambi: Faetec/IST, 2007.

SARTORI, Ademilde; ROESLER, Jucimara. **Educação Superior a Distância: gestão da aprendizagem e da produção de materiais didáticos.** Tubarão: Editora Unisul, 2005.

SIQUEIRA, Fabio, KARLMEYER-MERTENS, Roberto *et al.* Do conhecimento científico e pesquisa acadêmica. *In: Como elaborar um projeto de pesquisa: Linguagem e Método: Elaboração de projeto de pesquisa.* Rio de Janeiro, FGV, 2007. Disponível em: [www.uff.br/sga/monografia/material\\_u\\_eco.pdf](http://www.uff.br/sga/monografia/material_u_eco.pdf). Acesso em: 10 nov. 2020.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **O conceito de Tecnologia.** Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2005.

ZUIN, Antonio. Educação a distância ou educação distante? O Programa Universidade Aberta do Brasil, o tutor e o professor virtual. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 27, n. 96 - Especial, p. 935-954, out. 2006.

Recebido em 31 de janeiro de 2022.  
Aceito em 19 de dezembro de 2022.